

## Diz-se

“Somos um país de muitos pecadores e poucos santos. O PSD cala-se, mas não está sossegado. O PS atormenta-se e está a chamar a si próprio a atenção.”

**JOÃO MARQUES DOS SANTOS**  
“CORREIO DA MANHÃ”, 29-07-03

“Não terá sido de um dia para o outro mas tornou-se claro que a política em Portugal não vive hoje de ideias e que se vai fazendo cada vez mais de suspeitas e de rumores.”  
**MIGUEL COUTINHO**  
“DIÁRIO ECONÓMICO”, 29-07-03

“Só uma democracia com problemas de crescimento e com um défice claro de estabilização e de maturidade, se permite questionar o edifício jurídico de cada vez que uma figura pública corre o risco de uma condenação judicial.”  
**IDEM**, **IBIDEM**

“Na base de um alargamento das escutas que vem do tempo do Governo de António Guterres, esta é a primeira vez que existe preocupação porque se fala de um político.”  
**MARCELO REBELO DE SOUSA**  
**IDEM**

“Vivemos numa ditadura judicial e não num Estado de direito.”  
**PIRES DE LIMA**  
“O DIABO”, 29-07-03

“O sistema de justiça português é kakkiano.”  
**IDEM**, **IBIDEM**

“Estamos num arranjismo e num clubismo entre políticos.”  
**PIRES DE LIMA**  
“O DIABO”, 29-07-03

“O dia-a-dia deste país está transformado num misto de canalhice, hipocrisia e indiferença.”  
**JOÃO MARQUES DOS SANTOS**  
“CORREIO DA MANHÃ”, 29-07-03

“Em nome de duvidosos princípios entrámos, definitivamente, no reino do voyeurismo mais rasteiro, sem controlo de nenhuma espécie, perfeitamente consentido e com a inestimável benção de todos os servidores da lei, cegos por um positivismo absurdo, sem pés nem cabeça, que afronta o sentir de todos nós.”  
**IDEM**, **IBIDEM**

“As metástases das escutas telefónicas, do segredo de justiça e da prisão preventiva progridem corroendo o corpo do Estado de direito, num PREC irreverssível, terminal.”  
**JOÃO PAULO GUERRA**  
“DIÁRIO ECONÓMICO”, 29-07-03

“Portugal arrisca-se a voltar a parecer um manicómio onde os utentes tomaram conta dos hospícios.”  
**JOÃO PAULO GUERRA**  
“DIÁRIO ECONÓMICO”, 29-07-03

# A falta de memória e a falta de moral

As mistificações a respeito da invasão do Iraque pelas tropas americanas e inglesas deveriam constituir motivo de sobressalto generalizado, se não houvesse esta sedimentação rápida da informação

**ISABEL DO CARMO**

A velocidade com que a informação “objectiva” nos é dada todos os dias, a quantidade de factos que nos é arremessada à cabeça a todas as horas, muitas vezes em directo, funciona como uma lavagem ao cérebro, que nos faz esquecer o ontem e o anteontem.

Este esquecimento, esta falta de memória de médio prazo, que simula a da demência, conduz nas questões públicas, a uma impunidade dos seus actores, que tem a ver com a degenerescência ética. Uma falta de memória, falta de ética, que ameaçaria a humanidade, se não fora, como sempre, a emergência recorrente das vozes da revolta. Este fenómeno é completamente novo e diferente, por via dos novos meios tecnológicos e da sua velocidade e intensidade.

As mistificações a respeito da invasão do Iraque pelas tropas americanas e inglesas deveriam constituir motivo de sobressalto generalizado, se não houvesse esta sedimentação rápida da informação. É verdade que algumas reacções nos mostram que não estamos perante um deserto moral.

**Algumas cenas deste filme**  
O discurso de Bill Clinton perante Tony Blair a 12 de Julho foi mais um elemento a dar-nos esperança de que o véu começa a levantar-se. O outro lado dos EUA não esteve só em Seattle e nos poucos ecos de poetas e outros artistas que nos chegam mitigadamente. Erramos quando dizemos “os americanos” quando nos queremos referir à Administração Bush, afinal apenas representante das transnacionais do Império.

Clinton disse que os acontecimentos do 11 de Setembro espalharam o medo e a insegurança e que isso serviu à Administração Bush para se apresentar como salvadora e redentora. Percebe-se a cautela das suas palavras, mas adivinha-se do que são indiciadoras. Um mês e meio antes, o decano do Senado dos EUA, Robert Byrd, a 11 de Maio passado, fez naquela instituição um discurso violento contra a Administração Bush, em relação à guerra e às armas de destruição maciça. Em vez de apresentar provas contraditórias, a Casa Branca trata de mudar de assunto. As armas de destruição maciça de momento não foram encontradas, mas dizem-nos que o serão mais tarde, disse o respeitável senador. E acrescentou: “É possível que o sejam...”

As armas de destruição maciça não apareceram, excepto uns planos ou uns materiais escondidos num “jardim de rosas” de um engenheiro iraquiano descritos triunfalmente por Luís Delgado numa das suas crónicas... E o que torna isto numa questão moral é que não se trata duma brincadeira de “hackers”. Em cima desta falsa informação não se colocou a setinha do rato e não se fez “delete”. Em cima desta falsa informação foram mortas entre 5430 e 7046 pessoas, dados recolhidos pela agência humanitária IBC através de 67 fontes, entre agências de informação, hospitais e outros.

No entanto, este escândalo pode esconder outro escândalo mais grave. Se esforçarmos a memória e formos lá atrás, um pouco mais atrás, a médio prazo, veremos que quando Donald Rumsfeld, actual secretário da Defesa era “apenas” administrador da Rand

Corporation já teorizava sobre a necessidade de o “exército espacial” e dos EUA se prepararem para serem uma “potência militar ilimitada”.

No dia 11 de Setembro, às 18h42, o Presidente Bush ainda desaparecido, Rumsfeld dava uma conferência de imprensa no Pentágono onde, dirigindo-se ao senador democrata Carl Levin, comentou: “Será que o que acaba de suceder chega para vos convencer que é urgente para o país aumentar as despesas consagradas à defesa e que, se for necessário, ir buscar fundos à Segurança Social para pagar as despesas militares?”

Depois disto não se diga que a Rand Corporation não ganhou todos os direitos, na guerra, no após guerra, na destruição, na reconstrução! Repartindo, evidentemente, com todas as empresas do Carlyle Group. Isto não é uma teoria da conspiração, é a articulação de vários factos, a tentativa de encontrar um sentido em acontecimentos que a amnésia colectiva limpa rapidamente.

**Celebração da morte, infantilização ou esquizofrenização colectivas?**  
Mas a memória colectiva esqueceu. A memória jornalística também. O balanço não são mortos e feridos, órfãos, cidades destruídas, exemplares dos primeiros registos de escrita humana desaparecidos. O balanço é essa moda idiota das “T-shirts” e das calças de camuflado e as horríveis musselinas a imitar tecido de guerra. A celebração dos Rambos! Não estamos perante a celebração da morte, mas apenas perante uma enorme, espectacular, limpeza cerebral tecnológica, que reduz os indivíduos a uma infantilização confrangedora.

Nesta voragem informativa, esquece-se tudo. De trás para a frente: lá longe, em 1962, o projecto Northwoods, que visava atribuir a Cuba atentados antiamericanos para justificar a invasão de Cuba, projecto esse a que Kennedy se opôs. E o pássaro a pingar petróleo que atravessava constantemente o ecrã das nossas televisões, demonstrando o despejo dos poços feitos por Saddam durante a guerra no Golfo e que se veio a demonstrar que tinha sido filmado durante um acidente de maré negra? E, bem mais próximo, essa reportagem repetida que nos mostrava o resgate da soldado Jessica Lynch durante a guerra do Iraque e que se veio a demonstrar que não tinha sido resgate nenhum? E o “filme” do antrax?

A memória colectiva é apagada, esquece as mentiras, as verdades, as carnificinas. E esquecer significa não atribuir responsabilidades, conferir impunidade. Eventualmente esquecer que Durão Barroso quando, no debate sobre o Estado da nação, perguntado sobre as armas de destruição maciça de que Paulo Portas dissera ter provas, respondeu: “Tive sempre a prudência de afirmar que a nossa posição era de solidariedade para com os nossos aliados.” E conseguem dormir descansados!

Esta amnésia colectiva, perigosa e amoral, significa que se delega o conhecimento da verdade na tecnologia. Os ecrãs estão lá para nos dar as verdades, hora a hora. As pessoas demitem-se de pensar, perante a tecnologia pensadora. Tal como as crianças que possuem a máquina de calcular, se demitem de perceber as componentes da multiplicação ou da divisão. Como é que depois se percebe a matemática?

Esta projecção no Outro tecnológico, que detém a verdade, as decisões, esta aceitação da realidade mistificada, esta “moral dupla” faz-nos de facto temer uma esquizofrenização da sociedade. É que a moral não é só a sexual, nem apenas aquela que leva os pais, portas a dentro, a gritar para o filho: “Não mintas!” “Então mentir é que é ser esperto, não é paizinho, tal e qual como faz o senhor Bush e o senhor Rumsfeld e os outros! E não são eles que são importantes?” ■

ANTIGA DIRIGENTE DO PRP/BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

## Guerra dos novos tempos

**EDUARDO ALEXANDRE SILVA**

há uns dias atrás, li uma notícia referente ao facto da possibilidade de existir dependência da Internet. Juntamente com a notícia, foram publicados alguns comentários de pessoas, que afirmavam serem vítimas da excessiva dependência do mundo da Web.

Em países como os EUA este fenómeno é mais fácil de compreender do que, por exemplo, em Portugal.

Porquê? Desde logo porque o computador assume uma importância, diria quase, cultural. Basta ver a quantidade de jovens e adultos que, numa “coffee-shop”, dividem a sua atenção entre uma bebida e um monitor de computador. Por outro lado, as próprias proprietárias destas lojas logo perceberam a oportunidade de fidelizar mais clientes, e hoje em dia, as “coffee-shop” sem redes “wireless” (Internet sem fios) de acesso gratuito são excepções à regra. O uso de computador está para os EUA como o uso de telemóvel está para Portugal. Compreende-se os investimentos das universidades em dotar todos os seus edifícios de redes “wireless”. Tanto quanto sei o próprio Governo português legislou e criou programas de incentivos e apoios à informatização de universidades e à utilização da tecnologia “wireless”.

Mas esta dependência excessiva dos computadores, aqui nos EUA, tem alguns inconvenientes, entre os quais destaco o relativo atraso na área das redes móveis. O sistema maioritário da rede móvel é diferente do europeu e com certas incapacidades técnicas quando, por exemplo, comparado com Portugal. A isto se acrescenta uma oferta de tarifários cara e pouco lógica, complicada e com poucas liberdades de mercado para os clientes. No entanto, prevejo para breve um aumento do número de utilizadores de telemóveis nos EUA, isto porque os jovens continuam a aderir em massa. Idênticas previsões levaram a Microsoft a iniciar as movimentações nesta área, o que resultou no desenvolvimento de telemóveis com software Windows.

As movimentações destes dois blocos tecnológicos, (computador “versus” telemóvel) levou uma prestigiada revista económica a considerar este ano como o ano de início da batalha económica da década. Os rostos deste confronto são a Nokia e a Microsoft. A Nokia, como fabricante de telemóveis e de tecnologia para redes móveis líder do mercado mundial, assume-se como uma real ameaça aos intentos da Microsoft, isto porque a terceira geração (3G) da rede móvel poderá tornar dispensável o uso de computadores para navegar na Internet.

O futuro dirá qual destes gigantes será o vencedor desta batalha.

Enquanto isto acontece, nós, num conforto egoísta e materialista, esperamos ávidos pela as últimas novidades tecnológicas, deixando de discutir e pensar que existem outras guerras que são necessárias travar – fome em países inteiros, progressão da sida... Mas a estas guerras com baixas humanas as prestigiadas revistas económicas não fazem nenhuma referência nos seus balanços e previsões anuais.

São estes os novos tempos... ■  
GULBENKIAN PhD STUDENT, UNIVERSITY OF MICHIGAN

As movimentações destes dois blocos tecnológicos, (computador “versus” telemóvel) levou uma prestigiada revista económica a considerar este ano como o ano de início da batalha económica da década. Os rostos deste confronto são a Nokia e a Microsoft